

Capítulo 14

Orquidofilia com ciência: colecionismo e divulgação na revista Orquídea

Valéria Mara Silva
Bernardo Jefferson de Oliveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

14.

Orquidofilia com ciência: colecionismo e divulgação na revista *Orquídea*

*Valéria Mara Silva*¹

*Bernardo Jefferson de Oliveira*²

O fenômeno social do colecionismo nos remete a uma série de circunstâncias históricas dadas por diferentes povos, sua geografia e hábitos culturais. Uma imensa gama de artefatos pode compor uma coleção, sendo esta uma instituição universalmente difundida e assentada na oposição entre o visível e o invisível. A dimensão ordenadora do colecionismo opera de tal maneira que os objetos perdem sua utilidade e sob nova disposição são “expostos ao olhar”. Isso implica em cuidados dos mais diversos – confecção de álbuns, fotos, vitrines – além disso, revela um movimento duplo: ao privilegiar determinados objetos, os homens são de certa maneira moldados por eles, uma vez que os objetos impõem comportamentos aos colecionadores.³

A análise que nos propomos a fazer se dedica a um tipo de colecionismo, a orquidofilia. O ideário, as práticas e projetos ligados a essa atividade serão conduzidos a partir da revista *Orquídea* (1938-1974), uma publicação elaborada por amadores e principal instrumento de comunicação das sociedades orquidófilas que começaram a proliferar no Brasil a partir de fins da década de 1930.

Embora o cultivo de flores para fins ornamentais não possa ser datado, é possível contextualizado por meio das relações entre ciência, contatos intercontinentais, mercado e colecionadores. Colecionar e

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História, UFMG.
Email: valeriamara@gmail.com.

2 Professor UFMG – Programas de Pós-graduação em História e Educação.
Email: be@fae.ufmg.br

3 POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume I, 1982, p.51-86.

cultivar plantas envolve uma diversidade de elementos que vão de questões sócio-econômicas às afetivo-espirituais. Nessa relação é essencial apreender que, se na natureza as espécies vegetais visam “estabelecer um equilíbrio biológico pela relação mútua das diversidades específicas”, para os humanos seu valor envolve a criação de conjuntos harmoniosos e que avocam a atenção.⁴

A circulação de espécies de orquídeas pelo mundo se conecta com as viagens de naturalistas, coletores e colecionadores particulares. De acordo com Pabst, entre o século XVI e a publicação do *Sistema Naturae* de Lineu as espécies conhecidas passaram de um total de 13 para 62. O lugar ocupado pelas orquídeas brasileiras nesse processo foi gradativo. O fato de existirem coletores no país, a partir do século XIX, não denotava a descrição e estudo imediato das coleções. Diversos profissionais estrangeiros que estiveram no país não tinham interesse específico pelas orquidáceas.⁵

Pode-se dizer que os primeiros especialistas de orquídeas nativas surgiram no Brasil nesse mesmo período. De início os estudos eram avulsos e os botânicos dedicados a família *Orchidaceae* estrangeiros lotados em instituições nacionais. Entre os brasileiros que realizaram pesquisas sistemáticas estavam Barbosa Rodrigues e F.C. Hoehne.⁶ É possível conjecturar que a demanda por flores ornamentais estava ligada também a profissionais como paisagistas e horticultores que chegaram ao país para a construção de praças públicas. Os serviços de jardinagem eram propagandeados na imprensa local e os profissionais que se fixaram no país, caso de Jean Binot e Charles Pinel, especializaram-se na produção de orquídeas.⁷

Esses dois movimentos, de conhecimento acerca das orquidáceas nos meios científicos e o interesse do público, se conectavam frequentemente. O mercado em torno das flores adquiriu características cosmopolitas sendo possível, por exemplo, solicitar gratuitamente catálogos de empresas horticuloras européias como a inglesa *Sanders (St.*

4 HOEHNE, F.C. As orquidáceas do Brasil, seu valor e sábio aproveitamento. *Orquidea*, junho, 1940, p. 159-160.

5 PABST, G.F.J. & DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol 2. Brüche – Verlag Schmersow, 32 Hildesheim, Germany, 1977, p. 14-15.

6 PABST, G.F.J. & DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol 2. Brüche – Verlag Schmersow, 32 Hildesheim, Germany, 1977. (Edição Bilingue)

7 DOURADO, G. O.M. *Belle Époque dos Jardins. Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008, p.83-122.

Albans8) e Ltd. e a francesa *Vacherot-Lecoufle*. Uma breve análise das propagandas veiculadas na *Orquídea* notamos a ênfase dada a novidade que representavam os híbridos e os seedlings para a orquidofilia no início do século XX.

Essa nova fase, marcada pela ciência laboratorial, deve-se à criação da reprodução assimbiótica pelo fisiologista norte americano Lewis Knudson. Os novos mecanismos de germinação desenvolvidos proporcionaram que as coleções não fossem apenas de espécies naturais coletadas em várias partes do mundo – especialmente países tropicais – mas, que convivessem com exemplares produzidos em laboratório resultantes de cruzamentos híbridos.⁹

Nesse contexto a ideia de fundar uma sociedade de amadores começou a tomar forma. No primeiro número da *Rodriguesia* (1935), periódico oficial do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o médico Luys de Mendonça apresentou resumidamente os objetivos de uma agremiação ao diretor Campos Porto e argumentou que aquela idéia só “vingaria” com o patrocínio de um “nome de projeção cultural”, por isso recorrer à instituição.¹⁰

A disposição de Campos Porto em acolher a iniciativa de uma sociedade orquidófila se adequava ao perfil da *Rodriguesia*, considerada um instrumento de “vulgarização”.¹¹ O diretor se dispunha, inclusive a divulgar os trabalhos da sociedade enquanto ela não tivesse uma revista própria. A relação de proximidade com o meio científico era um dos atributos mais propagandeados pelos membros da sociedade. Conforme verificamos nos estatutos de sociedades congêneres de outros países esse

8 *A Sanders (St.Albans) e Ltd.* era a empresa responsável pelos registros de híbridos obtidos em qualquer país. Nos anos de 1901, 1915, 1921, 1946 e 1960 o proprietário Frederick K.Sander publicou listas de híbridos conhecidos. O primeiro híbrido registrado é do ano de 1856 e foi obtido por cruzamento de sementes. Em 1960, ano em que foi lançada *Lista Completa da Sanders Orchid Hybrids*, a Royal Horticultural Society assumiu o cargo dos registros. Ver: REINIKKA, M; ROMERO, G.A. *A History of the Orchid*. S.l, Timber Press, Inc., 1995, p.83.

9 FAGUNDES, A.B. Germinação assimbiótica das sementes de orquídeas, *Orquídea*, março, 1939, p.85-90. As orquídeas germinam através de uma relação simbiótica que mantêm com um fungo do gênero *Rhizoctonia*. O processo assimbiótico de germinação consiste em um “método laboratorial onde sementes germinavam em frascos estéreis contendo agar balanceado com nutrientes químicos, carboidratos e um sistema tampão com ph ácido, sem a presença do fungo simbiótico”. Disponível em www.mombu.com. Acessado em 30/05/2008.

10 *RODRIGUESIA*. Noticiário e atividades várias. Inverno, 1935, p. 91-93.

11 De acordo com Bediaga nos primeiros anos a Rodriguesia era subordinada ao Instituto de Biologia Vegetal, Jardim Botânico e Estação Biológica de Itatiaia. BEDIAGA, B. Os primeiros anos da Rodriguesia – 1935-1938: Em busca de uma nova comunicação científica. *Rodriguesia*, 56 (87): 2005, p. 01.

traço não era comum. Ademais, há que se considerar que esforços coletivos de amadores variam ao longo do tempo, principalmente aqueles ligados a atividades de campo, caso da botânica.¹²

O objetivo de Luys de Mendonça foi efetivado em dia 11 de agosto de 1937. Um grupo reunido no Teatro Municipal da cidade de Niterói/RJ fundou a Sociedade Fluminense de Orquídeas. Nos anos subsequentes houve um boom de criação de sociedades orquidófilas por todo o país e o presidente da sociedade, Luys de Mendonça, passou a editar uma revista de nome *Orquídea* (1938-1974), destinada a "vulgarizar"¹³ os conhecimentos sobre a vida das orquídeas, especialmente as brasileiras. A expansão das atividades culminou com a modificação do nome da agremiação, em 1948, para Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO)¹⁴. Entre a fundação e os anos seguintes o número de sócios cresceu de forma contínua. O maior número de agremiados se encontrava no Rio de Janeiro, seguidos por São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na relação de sócios honorários faziam parte os botânicos Alberto Sampaio, Curt Brade, Campos Porto e F.C.Hoehne e Julian Acuña.¹⁵

No interior do grupo existiam debates acerca do papel da ciência e do mercado na formação do colecionador. Uma das temáticas era a difusão dos híbridos que, para alguns imprimiu uma mudança na educação dos gostos. Os olhares se voltaram para plantas obtidas em laboratório em detrimento das espécies naturais. O aspecto desbravador inerente ao amador, a disposição para a caçada/colheita corria, portanto o risco de ser abandonada futuramente

Atualmente estamos acostumados a ver quase que somente híbridos e assim nunca observamos uma espécie como deveria ser observada. As flores simples, como as gentes simples, devem ser vistas tais quais se apresentam e não devemos exigir delas o que não podem dar. Coletores de planta de todos os tempos ficavam extasiados diante do que viam

12 Recorremos ao regulamento das sociedades européias, em especial a francesa, pois essa era tomada como modelo por outras associações. Société des Orchidophiles Français. R glement. *L'orchidophile*, mai, 1891, p.129-132.

13 De acordo com Moema Vergara "do século XIX até os anos de 1930, os cientistas e literatos utilizavam regularmente vulgarização". Gradativamente o termo foi caindo em desuso, substituído por divulgação científica. VERGARA, M. de R. Contexto e conceitos: História da Ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciência*, v.33, n. 5, p.324-329, mai.2008.

14 Diário Oficial da União, 11 de outubro de 1948, p.53, seção 1.

15 Relat o dos sócios da Sociedade Fluminense de Orchideas, *Orquídea*, setembro, 1939, p.05.

nas matas e estas orquídeas que hoje são olhadas com pouco caso, merecem deles, páginas de verdadeiro entusiasmo. Há certas qualidades padrões que podem ser usadas, para determinar a extensão em que o auxílio visual é de valor na apreciação do que se olha. É preciso mais do que ver; é preciso observar.¹⁶

Outra ideia que circulava era a de que as restrições com os híbridos foram geradas pelo pensamento de grupos ou correntes que cultuavam apenas plantas brasileiras¹⁷.

O interesse pelas orquídeas mobilizou igualmente os meios legislativos quando uma lei foi sancionada, pelo então presidente Getúlio Vargas, com a finalidade de regular o comércio das espécies nativas. O texto apresentado na Câmara Federal trazia como justificativa um artigo de autoria de Otto Prazeres publicado no *Jornal do Brasil* (27 de setembro, 1935). Referindo-se aos ciclos de econômicos do país o autor denominava as orquídeas de "ouros de todas as cores", referia-se às espécies utilizadas com êxito nas hibridações; fornecia estatísticas das espécies encontradas em todas as regiões; reportava-se a importância dos orquidários oficiais e, por fim, alentava para a possibilidade das espécies nativas constarem de forma legal na balança comercial brasileira: "preciso se torna proibir a exportação e difundir no país, de forma nítida, o valor das orquídeas que se prestam, como poucas outras flores, ao comércio floral, não só pela beleza que tem, como pela duração em que nenhuma outra flor consegue superá-las".¹⁸

Considero a SBO e a *Orquídea* como indissociáveis, embora a revista não se submetesse juridicamente à sociedade. Formalmente ela pertencia a Luys de Mendonça, que como presidente da agremiação privilegiou sua história. Além disso, existiu um esforço em noticiar todo o movimento orquidófilo brasileiro, do qual o médico era uma espécie de mentor.

A estrutura da revista obedecia à seguinte ordem: na primeira parte os "trabalhos técnicos originais", na segunda "trabalhos de vulgarização, porém, dentro de absoluto rigor científico", na terceira "notas, informações bibliográficas e resumos de revistas". Como já foi dito a orquidofilia

16 GROTA, A. S. Saber ver. *Boletim da SBO*. Julho, vol.1, n.6, 1958, p. 98-99.

17 WARAS, E. Orquídeas brasileiras no estrangeiro. *Orquídea*, mar-abr, 1964, p. 96.

18 Sobre a exportação das nossas Orchideas. *Orquídea*, setembro, 1938, p. 25-27.

não era pensada como diletantismo, mas na vizinhança da ciência. Os artigos de profissionais apareciam na primeira parte da revista e dos amadores na segunda. As escolhas dos assuntos, dos autores, das imagens eram dos amadores. Sendo assim, cabe indagar se essa divulgação teria algo de específico, se os amadores reinventavam a sua maneira o ato de divulgar a ciência.¹⁹

A *Orquídea* permite ver processos pelos quais o conhecimento é reconstituído dentro da cultura. Tanto o amador quanto o profissional erigem discursos nos quais tem a tarefa de disseminar a ciência das orquídeas para o grande público. No entanto, é visível que as práticas dos orquidófilos se constroem no interior de um discurso, o que exige o domínio de uma linguagem própria.

A intenção de estabelecer um vínculo entre amador e profissional partia de algo dado como natural; o periódico como o elo articulador de anseios e projetos. De acordo com Hoehne, a sociedade era formada por amadores, mas "instituída por pensamento científico".²⁰ Entretanto, ao mesmo tempo em que a aproximação entre amadores e profissionais era valorizada, vários artigos indicam a tensão entre eles. O botânico do Museu Nacional, Alberto Sampaio considerava, por exemplo, que alguns problemas só seriam dominados por especialistas, como no caso de caracteres associados geneticamente nos cruzamentos naturais. Quanto à sistemática se preocupava em não disseminá-la de maneira fragmentada:

deve-se evitar sempre a "meia ciência", tanto mais no caso de sistemática de orquídeas em que se deve ficar apto a reconhecer qualquer gênero, cultivado ou não; apanhada técnica e conhecida bem a organografia, a norma para identificar um gênero é a mesma para qualquer outro²¹

Consideramos que o perfil da maior parte dos artigos visava guiar o iniciante para um grau mais apurado dos conhecimentos sobre as orquídeas. A percepção de um conjunto de condições favoráveis (luz, ar, calor, umidade) ao cultivo de determinadas espécies se tornavam inteligíveis aos leigos, expondo medidas pragmáticas e recorrendo ao teor

19 Palavras a propósito (editorial), *Orquídea*, setembro, 1938, p.04.

20 HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasileira. *Orquídea*, vol.2, n.1, setembro, 1939, p.05.

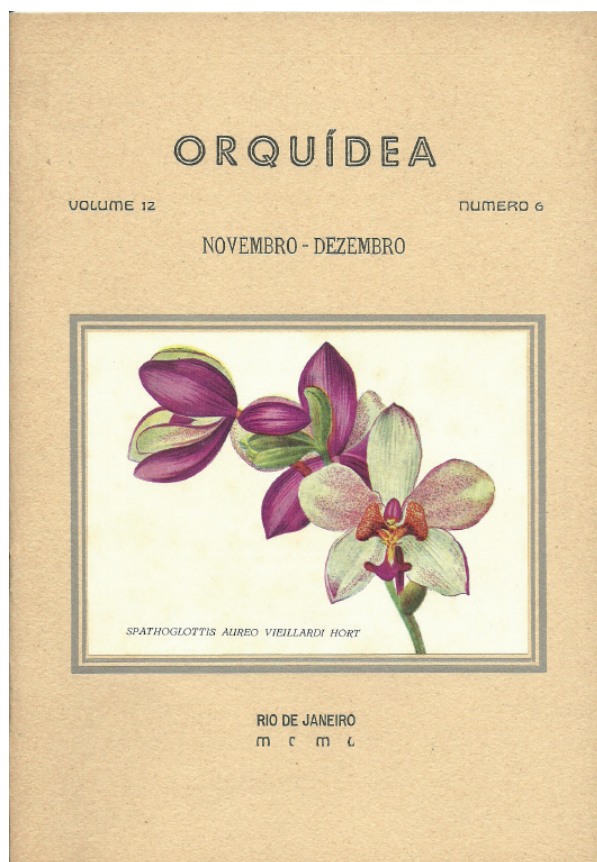
21 SAMPAIO, A. J. de. *Orquídea*, vol.1, n.4, junho, 1939, p. 142. SAMPAIO, A. J. de. Iniciação em sistemática de Orquídeas III. *Orquídea*, vol.2, n.2, dezembro, 1939, p.54.

afetivo da arte de cultivar, que como diziam “dependia da observação, paciência e amor às orquídeas”. Mas também havia a preocupação em fornecer subsídios técnicos próprios de uma especialização. Exemplo disso é o artigo onde a cultura assimbiótica é objeto de discussão, tema que exigia um esclarecimento mínimo de processos reprodutivos, com o sugestivo título “Do jogo do azar para o campo da ciência. Como se faz a cultura assimbiótica”.²²

Ao analisarmos o tipo de divulgação realizado na *Orquídea* torna-se necessário não uniformizar esses dois momentos - o do profissional e do amador - mas pensar que tipo de mensagem resulta dele. Perceber que nesse intento existe uma pedagogia e que, embora, os grupos possam falar em meios exclusivos de comunicação, o fato de compartilharem um espaço torna-se um problema. Poderíamos, portanto, falar de uma divulgação híbrida, baseada nessa tensão oscilante entre amador e profissional que se configura nas páginas do periódico.

O que dizer, então, dos escritos dos profissionais? A estratégia de trazer cientistas renomados para publicar tem uma dupla função. Vejamos o caso do botânico F.C.Hoehne. O cientista confere autoridade à publicação e também dá ao grupo uma característica estrutural; o de que eles agem e se orientam por fundamentos racionais. Nesse processo o grupo traz para junto de si valores dos cientistas, e, portanto, todo um ideário próprio da ciência. Em alguns artigos – escritos em forma de pequenos cursos – os profissionais deixavam breves recados para os amadores. Alertavam para procedimentos mínimos em uma atividade de campo: produzir imagens das espécies encontradas, descrever o habitat, dentre outros. Sendo assim, os profissionais introduziam sutilmente mecanismos de “decodificação visual” pertencentes ao seu métier.

22 SILVA, W. Do jogo do azar para o campo positivo da ciência. Como se faz a cultura assimbiótica? *Orquídea*, vol.11, n.5, maio-junho, 1949, p.174.



Orquídea, vol.12, n.06, nov-dez, 1950.

Direitos cedidos gentilmente pela atual diretoria da OrquidarioRIO
(www.orquidario.org)

As páginas da *Orquídea* eram recheadas de belas fotos e ilustrações das mais variadas espécies. Esse recurso nos leva para além dos aspectos gráficos, visto que, a ilustração botânica – e posteriormente a fotografia – são uma condição para a prática botânica, ou seja, são constitutivas do fazer científico analisado. Faziam parte da diretoria da SBO um fotógrafo e um desenhista. Além do trabalho desses membros as ilustrações vinham de afiliados de todo país. Em um dos cursos de sistemática ministrados pelo botânico Alberto Sampaio a importância do desenho era salientava, pois as “orchídeas dão em geral más preparações secas, quando preparadas em líquido consevador, suas flores perdem as cores”. Segundo o autor, o desenho era a “melhor forma de

análise e registro de caracteres morfológicos” e, por isso, convidada os orquidófilos iniciados a fazerem croquis de cada planta colhida para a confecção de um fichário iconográfico.²³

Cada dado recolhido e documentado em uma atividade de campo engendra as vias de uma narração e sua produção. Como constatamos na *Orquídea*, agrega orquidófilos e cientistas, ou seja, a capacidade de narrar própria do profissional por vezes se combina a de outros atores que contribuem com fragmentos, por vezes esquecidos.²⁴

É interessante notar que o histórico da orquidologia por parte dos botânicos é escasso. Isso se deve em parte aos tipos de documentos que os botânicos consideram relevante de serem preservados. As exsicatas²⁵ de um herbário talvez sejam mais dignas de preservação. Relatórios de excursões, cadernos de campo, por vezes são abandonados, pois todas essas informações podem ser lidas nos exemplares do herbário, já que uma exsicata não é propriedade de um único botânico, mas passa por outros profissionais que acrescentam informações, fazem revisão da espécie. O botânico lê o histórico de sua ciência por outros documentos.²⁶

Alguns orquidófilos transitavam entre as esferas públicas e reivindicavam apoio para sua atividade. O Serviço de Informação Agrícola, por exemplo, financiou a publicação da *Orquídea* por alguns anos e disponibilizou um funcionário para o Conselho Técnico da agremiação (no biênio 1950-1951 o agrônomo Verlande Duarte Silveira ocupava esse cargo)²⁷. Outra solicitação era a instalação de orquidários públicos, cuja função, tinha por propósito irradiar conhecimentos botânicos para a comunidade. Mas o ganho advindo da organização de orquidários conferia igualmente status ao botânico, pois como destacou Hoehne a constituição desses espaços fazia “subir grandemente a nossa cotação como intelectuais na opinião estrangeira”.²⁸

23 SAMPAIO, A.J.de. Iniciação em Systemática de Orchideas. *Orquídea*, junho, 1939, p.156-158.

24 O estado do Espírito Santo é o que tem maior número de ilustrações feitas por um amator. STENGERS, I. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002, p.169-171.

25 Exemplar dessecado de uma planta qualquer, conservado em herbários. Dicionário Aurélio, CD-ROM.

26 Ver PACHECO, C.de A. Jardim Botânico do Rio de Janeiro: memória e arquivo. In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.P.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (Eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004, p.110-114.

27 Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquídea*, mar-abr, 1939, p. 72-73.

28 HOEHNE, F. C. O Brasil e as Orchidaceas. *Orquídea*, vol.1, n.1, Niterói, 1938, p.11.

Portanto, acompanhar o histórico de orquidólogos e orquidófilos requer atenção a essas intersecções. Os amadores utilizavam sua proximidade com a poder público para requerer os orquidários e conseqüentemente suas habilidades político-estratégicas influenciavam nos materiais disponíveis para as atividades científicas. Além disso, muitos exemplares provenientes de "caçadas de orquídeas"- como os orquidófilos designavam suas atividades de campo - promovidas pelas sociedades, eram enviados para as instituições.

De acordo com os membros da SBO, o cumprimento de requisitos próprios de uma atividade campo diferenciava os verdadeiros orquidófilos dos colhedores de orquídeas para fins comerciais, que procediam tiradas contínuas e desorganizadas. Contudo, não deixa de causar impacto uma lista de orquídeas colhidas no ano de 1940 em municípios no Rio de Janeiro, contabilizando 7989 touceiras de diversas espécies. A divulgação da colheita em um artigo já mostrava nas primeiras linhas que aqueles homens se atrelavam a um ideal científico, pois todo o material seria entregue ao Horto Botânico de Niterói.²⁹

Tais planos de cooperação com instituições públicas se mantiveram ao longo dos anos. Em março de 1958 a sociedade promoveu uma campanha de plantas em prol do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A iniciativa foi publicada no recém criado *Boletim da SBO* onde pudemos verificar a continuidade das relações com o diretor Campos Porto, sempre presente nas reuniões do período.³⁰

Ainda no intuito de perceber o mecanismo de construção da divulgação, outras formas de atuação noticiadas no periódico devem ser observadas. Afora os artigos que são o principal meio de análise, ainda constam: excursões, palestras e exposições. Nessas duas últimas circunstâncias o público de forma geral se mistura ao dos orquidófilos iniciados, surge então, um convite à percepção da territorialidade nacional e ao entendimento da botânica como uma espécie de "ciência nacional". Por isso, os atores aqui envolvidos consideram a constituição das coleções, sejam elas privadas ou públicas, uma conduta territorial que corresponde a inferir a natureza, representada pelas orquídeas, como herança. Essa herança dos homens só seria percebida devidamente pela intensificação das atividades de divulgação.

29 O papel das Sociedades de Orquidófilos (editorial). *Orquidea*, vol.12, n.2, mar - abr, 1950, p. 43. SANTOS LIMA, J. Op cit, p. 65-66.

30 *Boletim da SBO*. Vol. 1, números 1-6, 1958.

O comportamento do colecionador extrapola as fronteiras da sua própria coleção, especialmente se eles se associam. O grupo ao qual nos dedicamos orientou por décadas um pensamento colecionista voltado para uma botânica de matizes nacionais. A especificidade da *Orquídea* reside em fazer circular a idéia de colecionismo e conseqüentemente de todo o conflito inerente a constituição das coleções. Cabe ainda dizer que para os membros da SBO as práticas orquidófilas deviam se converter em um processo mais amplo de conservação das matas e criação de parques nacionais. Diversos números da *Orquídea* traziam o mote "todo bom brasileiro e verdadeiro orquidófilo, deve lutar com todas as suas forças para impedir a devastação criminoso e sistemática das nossas reservas florestais".

A prática da divulgação científica acerca das orquidáceas afirmava, portanto que as contingências históricas não imprimem suas marcas somente nos homens, mas também nas plantas. A história das orquídeas confirmava isso: de portadoras de azar³¹ a objetos de desejo.

31 As orquídeas foram consideradas parasitas durante muito tempo. Nas palavras de Hoehne: "Tudo que escapa da regra sempre impressionou ao homem. Já mostramos também como as nossas belas *Orchidaceas* por vegetarem em troncos secos ou ainda sobre as rochas abruptas, foram, durante séculos consideradas portadoras de azar, e todos sabem quão difícil se tornou vencermos na campanha que encetamos, pela imprensa e pela palavra, contra tão absurdo conceito". Palestra proferida por F.C. Hoehne aos Amigos da Flora Brasílica como parte das atividades de divulgação do Instituto de Botânica/SP. HOEHNE, F.C. *Da sensibilidade e motilidade dos vegetais*. São Paulo: Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio, 1945. (Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1944)

Referências bibliográficas

BEDIAGA, B. Os primeiros anos da *Rodriguesia* – 1935-1938: Em busca de uma nova comunicação científica. *Rodriguesia*, 56 (87): 2005, p.1-12.

BEINART, W; MIDLETON, K. Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 160-180.

Boletim da SBO. Vol. 1, números 1-6, 1958.

Como registrar um híbrido? *Boletim da SBO*, fevereiro, 1958, vol.1, n. 1.

Diário Oficial da União, 11 de outubro de 1948, p.53, seção 1.

DOURADO, G. O.M. Belle Époque dos Jardins. Da França ao Brasil do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

FAGUNDES, A.B. Germinação assimbiótica das sementes de orquídeas, *Orquídea*, março, 1939, p.85-90.

GROTA, A. S. Saber ver. *Boletim da SBO*. Julho, vol.1, n.6, 1958.

HOEHNE, F. C. O Brasil e as Orchidaceas. *Orquídea*, vol.1, n.1, Niterói, 1938.

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasileira. *Orquídea*, vol.2, n.1, setembro, 1939.

HOEHNE, F.C. As orquidáceas do Brasil, seu valor e sábio aproveitamento. *Orquídea*, junho, 1940.

HOEHNE, F.C. *Da sensibilidade e motilidade dos vegetais*. São Paulo: Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio, 1945. (Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1944)

HOEHNE, F.C, KUHLMANN, M, HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, Departamento de Botânica, 1941.

HOEHNE, F.C. *Da sensibilidade e motilidade dos vegetais*. São Paulo: Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio, 1945. (Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1944)

KUKLIC, H; KOHLER, R. The History of Science Society, *Osiris*, 2nd séries, 1996, 11, p. 01-14.

LARANJA, J. Orchideas de semente. *Orquídea*, dezembro, 1938.

PABST, G.F.J. & DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol 2. Brüche – Verlag Schmersow, 32 Hildesheim, Germany, 1977. (Edição Bilingue)

PACHECO, C.de A. Jardim Botânico do Rio de Janeiro: memória e arquivo. In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.P.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (Eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004, p.110-114.

Palavras a propósito (editorial), *Orquídea*, setembro, 1938.

PEREIRA, R. M.A. *Ilustração Botânica*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2008. (Cadernos de Ilustração Científica 2)

POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume I, 1982, p.51-86.

REINIKKA, M; ROMERO, G.A. *A History of the Orchid*. S.l, Timber Press, Inc., 1995.

Relação dos sócios da Sociedade Fluminense de Orchideas, *Orquídea*, setembro, 1939.

RODRIGUESIA. Noticiário e atividades várias. Inverno, 1935.

SÁ, D.M. de. *A Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1995-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SAMPAIO, A.J.de. Iniciação em Systemática de Orchideas. *Orquídea*, junho, 1939

SAMPAIO, A. J. de. Iniciação em Systemática de Orquídeas III. *Orquídea*, vol.2, n.2, dezembro, 1939.

SILVA, W. Do jogo do azar para o campo positivo da ciência. Como se faz a cultura assimiótica? *Orquídea*, vol.11, n.5, maio-junho, 1949.

Sobre a exportação das nossas Orchideas. *Orquídea*, setembro, 1938.

Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquídea*, mar-abr, 1939.

Société des Orchidofiles Français. Règlement. *L'orchidophile*, mai, 1891, p.129-132.

STENGERS, I. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

VERGARA, M. de R. Contexto e conceitos: História da Ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciência*, maio 2008, vol.33, nº 5, p. 324-330.

WARAS, E. Orquídeas brasileiras no estrangeiro. *Orquídea*, mar-abr, 1964, p. 91-98.